

UM ESTUDO LEXICOGRÁFICO EM DICIONÁRIOS
BILÍNGÜES PORTUGUÊS/FRANCÊS -
FRANCÊS/PORTUGUÊS

Regina Maria Gregório (UEL)
Mariangela G. Lunardelli (Aliança Francesa - Londrina)

Introdução

“A menina atirou o lápis sobre o caderno e ficou olhando para a rua. Era um belo dia de outono e ela precisava escrever uma composição com a palavra ‘autóctone’. Era um dia perfeito de outono e ela precisava ficar ali e escrever uma composição com a palavra autóctone. E para o dia seguinte.

Autóctone.

(...)

O que queria dizer ‘autóctone’?

Autóctone, autóctone...

Aurélio!” (Luis Fernando Veríssimo, *apud* Ferreira e Almeida 1994: 28)

É, não temos dúvida. Nem Luís Fernando Veríssimo escapou do Aurélio em seu texto “O autóctone”. Nessa história, o autor estabelece a importância que o dicionário representa para a sociedade, simbolizada pela menina aflita às voltas com uma palavra desconhecida que lhe dificulta a tarefa da composição. Sem o Aurélio, ela não teria condições para entender tal trabalho: ela não teria o saber, não teria o “poder”.

Que poder é esse que o dicionário possui? O poder que a sua própria etimologia indica: *lugar em que se guarda o elemento fundamental do dizer: as palavras* (Krieger 1993: 9). Além de acolher o dinamismo da língua, dando legitimidade aos vocábulos, o dicionário contém marcas do universo sócio-histórico-cultural do sujeito coletivo, o que revela, como Krieger

(p. 10, negrito do texto) afirma: *o dicionário (é) como um objeto semiótico, não apenas reprodutor, mas produtor de significação.*

Se é considerado como produtor de sentidos de uma certa coletividade, poderíamos pensar a respeito do que se passa com os dicionários bilíngües: certamente, são produtores de sentidos de dois sujeitos coletivos. E o indivíduo, portador de tal dicionário, faz-se conhecedor de duas línguas, de duas sociedades.

Porém, essa “produção de sentidos” é diferente: quando se trata de dicionários monolíngües, o sentido é estabelecido pela definição do termo e sua aplicabilidade na língua em questão, fato que não ocorre nos dicionários bilíngües, pois têm outras funções para produzir sentido que não a definição da palavra. Essas funções, Carras (1993: 64) assim determina:

“uma primeira função é a de aprender ou precisar a significação de um termo da língua estrangeira; neste caso o percurso vai da Língua-Alvo à Língua-Fonte. E uma segunda função seria a do usuário procurar encontrar um termo da língua estrangeira suscetível de substituir um termo da língua-fonte; o percurso se realiza aqui da Língua-Fonte para a Língua-Alvo”.

Estabelecidas as diferenças, é importante assinalarmos o papel auxiliar, para professor e para o aluno, do dicionário bilíngüe no ensino/aprendizagem de uma segunda língua. Entretanto, armadilhas acontecem: verbetes com traduções suspeitas, pronúncias inverídicas, ausência de exemplos. E o que pretendemos objetivar nesse estudo é justamente mostrar “a quantas andam” alguns dicionários bilíngües e como se estabelecem armadilhas. Para tanto, escolhemos 9 dicionários português-francês/francês-português, concernentes a datas diferentes (de 1961 a 1995) e de editoras distintas (em Portugal, na França e no Brasil). Realizaremos, a partir dos pressupostos teóricos, descrições e comparações da macro e da micro-estruturas de cada dicionário, analisando, em seguida, 8 verbetes (4 em francês e 4 em português). Dada à riqueza do léxico,

conceberemos apenas uma amostragem, com vistas a estudos mais aprofundados posteriormente. Esperamos poder contribuir para um questionamento maior sobre esse importante instrumento da nossa civilização. Saber, poder, conhecimento: tomara que a menina do Veríssimo faça uma boa redação sobre “nós, os autóctones.”

Pressupostos teóricos

Figueiredo, em seu livro *Aprendendo com os erros* (1997), aborda as pesquisas sobre aquisição de língua e a evolução da noção do erro; propõe uma classificação dos erros em relação ao seu efeito na comunicação com nativos da língua inglesa, em três categorias: erros que pouco afetam a comunicação, erros que causam certa irritação e erros que impedem a comunicação. E é nessas duas últimas categorias que o autor, com base nas propostas de Dulay, Burt e Krashen (1982), inclui, para erros que causam certa irritação: *a não-distinção lexical, em relação à segunda língua (L2), entre termos que têm usos diferentes, porém se mantêm, até certo ponto, num mesmo campo semântico* (Figueiredo 1997: 104); e para erros que impedem a comunicação: *o uso de palavras que, tendo ou não semelhança ortográfica e/ou fonológica com palavras da língua portuguesa e a mesma entrada lexical, possuem significados totalmente diferentes* (p. 107).

Mesmo pesquisando uma língua estrangeira diferente da escolhida para esse estudo, a obra de Figueiredo revela algo que os professores de francês já sabem em suas aulas: os alunos cometem, com frequência, erros que “atrapalhariam” a comunicação por utilizarem, em textos ou oralmente, vocábulos não-apropriados a tais frases. O fato é conhecido, mas a questão permanece: por que essas inadequações lexicais na aprendizagem da L2? Vários estudos já foram concebidos e, no que se refere aos trabalhos psicolinguísticos nessa área, alguns autores apresentam modelos possíveis da organização bilíngüe, como os de Kirsner e al., citados por Bogaards (1994), que admitem a existência de

uma organização não-lingüística dos conhecimentos e que as memórias da L1 e da L2 são integradas e formam redes lexicais cujas palavras são ligadas a um sistema conceitual.

Se essas memórias são integradas, algumas inadequações podem existir no momento da aprendizagem da L2, quando o aluno já tem uma memória semântica da L1 mais ou menos estabelecida e procura usá-la para obter seus vocábulos estrangeiros, transferindo, por exemplo, para L2 duas unidades lexicais da L1:

“quando uma única forma da L1 contém duas significações tidas como similares – portanto em caso de polissemia – pode-se esperar uma transferência das duas significações para uma única palavra da L2; contrariamente, quando uma forma contém dois sentidos tidos como diferentes – portanto em caso de homonímia – a tradução se fará por meio de duas palavras em L2, uma para cada significação.” (Bogaards 1994: 149)

Daí o aluno dizer em sala de aula que uma palavra é considerada fácil ou difícil, de acordo com sua familiaridade com a língua portuguesa. Essa familiaridade também acarreta problemas. As palavras consideradas cognatas são úteis e também perigosas pois podem constituir os falsos cognatos: palavras que dão impressão de fornecer indicações sobre seu sentido, mas não o fazem: aquela palavra que “parece, mas não é”.

Surge, para amenizar os obstáculos criados por nossas próprias memórias e pelos falsos cognatos, um aliado poderoso no ensino do vocabulário: o dicionário. Sem a pretensão de questionar a validade ou não dos dicionários bilíngües e monolíngües na perspectiva comunicativa de ensino/aprendizagem, e tomando os dois tipos como instrumentos de trabalho em sala de aula, passemos a examiná-los.

Existem, hoje, no mercado, dicionários mono-língües especiais para estudantes de língua estrangeira, por exemplo, em língua francesa e em língua inglesa.¹ Infelizmente, ainda é tarefa a ser cumprida por nossos lexicógrafos brasileiros.

Quanto aos dicionários bilíngües, a história nos revela um caminho não tão moderno. Segundo Bevilaqua (1993: 18), os dicionários bilíngües e multilíngües são, efetivamente, os primeiros dicionários a surgir, com o aparecimento da imprensa, *como resultado da crescente integração entre os povos*. Atualmente, sobretudo nos primeiros momentos do estudo de uma língua estrangeira e para traduções de texto, o uso desses dicionários se torna essencial. Além das diferenças explicitadas na introdução desse trabalho, alguns princípios regeriam tais dicionários. De acordo com W. Martin, citado por Bogaards (1994: 224), ele

“deveria dar conta, de uma maneira clara e explícita, dos conhecimentos lexicais do locutor nativo médio. Deveria comportar muitos exemplos, dos quais a maioria trataria de pontos contrastivos, mas que não seriam todos traduzidos na L1.”

Além dessas características, Bogaards propõe algumas condições às quais um dicionário, seja ele monolíngüe ou bilíngüe, deveria satisfazer: nomenclatura suficientemente extensa, unidades lexicais tratadas como entidades tendo sua própria semântica e gramática, informações gramaticais claras e explícitas, relações de sentido exploradas ao máximo. Quanto aos monolíngües, estes deveriam ser claros, simples, completos, evitando a circularidade; nos bilíngües, traduções limitadas em número e providas de todas as indicações gramaticais e discursivas.

É, eles deveriam satisfazer. E satisfazem? E são realmente aliados poderosos no ensino do vocabulário? Ou nos trazem mais obstáculos e, assim, mais erros de comunicação? Até que ponto “confiar”, como confiam nossos alunos, na verdade parecida absoluta do dicionário bilíngüe? E como se esquivar de certas armadilhas do léxico traduzido?

¹ Citemos alguns: o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o *Dictionnaire du français langue étrangère (DFLE)*.

Para sabê-lo, vamos a eles - os dicionários bilíngües.

Os dicionários bilíngües

1. Relação dos dicionários

Para esse estudo, foram selecionados 9 dicionários bilíngües ou de tradução. A escolha foi feita com base nos dicionários mais utilizados pelos alunos no ano de 97/98, e os dicionários usados pelos estudantes nas bibliotecas públicas e da Universidade Estadual de Londrina. Contêm datas diferentes de publicação. E pertencem a editoras de países como França, Brasil e Portugal. Eis a relação:

1. *Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês*, 1961 (Brasil);
2. *Dicionário Francês-Português Português-Francês*, 1968 (Brasil);
3. *Dicionário Garnier da Difel Francês-Português*, 1968 (Brasil);
4. *Dictionnaire Français-Portugais Portugais-Français*, 1980 (França);
5. *Guia Prático de Tradução Francesa*, 1983 (Brasil);
6. *Dicionário de Ouro Francês-Português Português-Francês*, 1989 (Brasil);
7. *Dicionário de Francês-Português Português-Francês*, 1990 (Portugal);
8. *Pequeno Dicionário de Francês-Português Português-Francês Michaelis*, 1992 (Brasil);
9. *Dicionário de Falsos Cognatos Francês-Português Português-Francês*, 1995 (Brasil).

Duas observações merecem ser dadas: a primeira é a importância às datas dos dicionários, que permitem antever certas considerações: quanto mais antigo, maior probabilidade de encontrar distâncias entre termo da época e significação atual. Por esse motivo, trataremos os dicionários pelo ano da publicação (os dicionários que apresentam a mesma data - 1968 - serão examinados sendo 1968-1 e 1968-2). A segunda observação se

refere aos dicionários 1968-2, 1983 e 1995: os de 1968-2 e 1983 são exclusivamente francês-português; e os de 1983 e 1995 são considerados dicionários para tradução, mais utilizados por estudantes de proficiência em francês e tradutores em geral.

2. A macro-estrutura dos dicionários

Segundo Vilela (1995: 78), a macro-estrutura de um dicionário é o conjunto das entradas e as partes complementares (como introdução, apêndices, etc.).

Examinaremos cada dicionário a seguir, descrevendo esse conjunto estrutural.

2.1. A descrição das macro-estruturas

- 1961: contém 2ª edição; prefácio com objetivo de grau médio, mantendo aspecto pedagógico; quadro com abreviaturas com 25 marcas gramaticais e 45 marcas de uso; sinais convencionais de pronúncia.
- 1968-1: na capa, diz-se conter “todas as palavras de uso moderno, além de sinônimos, pronúncia figurada e provérbios das duas línguas”; no prefácio, o livro procura “ser eminentemente prático” e observa “desnecessário mencionar a etimologia dos vocábulos, pois do contrário se trairia o espírito da obra”; abreviações de 34 marcas gramaticais e 86 marcas de uso; figuração da pronúncia - valor em português.
- 1968-2: prefácio: “ineficiência dos velhos dicionários francês-português”, propõe “que o consulente encontre com toda a certeza os termos técnicos e científicos mais usuais”; contém plano de elaboração dos verbetes; critério - “apresentar o vocábulo equivalente exato”, fala dos critérios dos usos dos sinais convencionais e da pontuação, registro das abreviaturas em duas colunas - as marcas gramaticais (31) e as marcas de uso (46);
- 1980: índice, prefácio, abreviaturas nas duas línguas: prefácio um tanto presunçoso - “todas as indicações necessárias para traduzir,

pronunciar e construir corretamente”, “o nosso vocabulário, pacientemente escolhido, é muito mais rico que o de muitos dicionários mais volumosos”, contém resumo de gramática francesa e portuguesa, um guia de conversação e o modo de escrever uma carta; para pronúncia - “conservamos o alfabeto ordinário”; abreviaturas com 43 marcas de uso e 25 marcas gramaticais;

- 1983: a 1ª edição é de 1967; prefácio: contém história da vida do autor que revela “algumas das armadilhas em que eles (os leitores) podem cair”, exemplificando com as “*belles infidèles*” de Georges Mounin; advertência e explicação sobre os *faux-amis*; abreviaturas: todas as marcas são gramaticais (37);
- 1989: diz-se ser junção de dois dicionários Francês-Português Português-Francês; nota do editor: “recente técnica lexicográfica americana e européia: o máximo de concentração útil no mínimo de espaço”; formato-bolso; diz evitar “a nomenclatura técnica e científica”; “omitimos expressões regionais, gírias e arcaísmos”; também traz como vantagem uma lista dos principais termos gentílicos e geográficos; contém ainda indicações sobre a pronúncia figurada; abreviaturas: 13 marcas gramaticais;
- 1990: só contém abreviaturas - 28 marcas gramaticais e 8 marcas de uso;
- 1992: no sumário, aparecem as divisões em francês e português; contém organização do dicionário: toda a explicação de como é feita a entrada; abreviaturas - 26 marcas gramaticais e 33 marcas de uso; apresenta conjugação dos verbos em francês e em português; e lista de verbos irregulares em francês e em português;
- 1995: prefácio apresenta as professoras autoras e o estudo dos *faux-amis* por Maria Tereza Camargo Bidermann; introdução: mil verbetes para “vocábulo que causam uma impressão de facilidade na tradução”; definem cognato e exemplificam os seus casos; apresenta a estrutura do verbete; consta bibliografia; abreviaturas e sinais: 14 marcas gramaticais e 53 marcas de uso.

2.1 Comparação das macro-estruturas

Três são as comparações a fazer quanto à macro-estrutura desses dicionários. A primeira faz menção ao objetivo estabelecido pelos lexicógrafos. Com base nas descrições anteriores, podemos montar o seguinte quadro:

Quadro I - Quanto à explicação dos objetivos

1961	escolar para estudantes
1968-1	abrangência de todas as palavras
1968-2	vocábulo exato
1980	o mais rico
1983	resolve armadilhas
1989	concentra o máximo no mínimo
1990	sem objeivo
1992	atenção à organização do verbete
1995	Mostra falsos cognatos

Com exceção do dicionário de 1961, nenhum outro explicitou seu público-alvo, mas a maioria explicou o tratamento dado ao verbete. Somente o de 1990 não mostrou objetivo. Pelo que se vê no quadro, a preocupação com o vocábulo é uma constante, porém não há interesse em construir dicionários para públicos direcionados e são colocados para o estudo de todos em geral.

A segunda comparação é quanto à explicação da pronúncia, importante no aprendizado de uma segunda língua. Ao todo, 5 dicionários contêm pronúncia e explicam, em suas introduções, algumas figurações (como o alfabeto fonético). Os dicionários 1968-2, 1983, 1990 e 1995 não mostram a pronúncia: os de 1983 e 1995 estabelecem, no prefácio, que o objetivo de seus trabalhos é referente à tradução (como foi visto em 2.1); quanto aos de 1968-2 e 1990, não há qualquer comentário à “pronúncia” nos livros. Esse item vai ser revisto com mais detalhes no estudo da micro-estrutura (seção 3.2).

A última comparação diz respeito às abreviaturas utilizadas, que englobam as marcas gramaticais (definem a classe da palavra) e as marcas de uso, empregadas para tratar a variação lingüística. Foram detectadas, nos dicionários estudados, cinco tipos de marcas de uso, seguindo a classificação de Alain Rey, citado por Strehler (1998: 172): marcas de uso tecnoletal, espacial, temporal, social e de freqüência. No quadro seguinte, a classificação das marcas gramaticais e de uso:

Quadro II - As abreviaturas (marcas)

	Marcas Gramaticais	Marcas de Uso			
		Tecnol.	Temp.	Espac.	Soc.
1961	25	41	0	0	4
1968-1	34	75	2	0	9
1968-2	31	43	0	0	3
1980	25	24	3	5	6
1983	37	0	0	0	0
1989	13	0	0	0	0
1990	28	5	0	0	3
1992	26	28	0	0	1
1995	14	42	3	0	7

As marcas gramaticais são obrigatórias nesses dicionários, pelo que percebemos no quadro II. Parece clara a explicação: são dicionários que devem explicitar a classe da palavra estrangeira, pois é desconhecida do usuário; por exemplo, descrever como todos fazem - o gênero dos nomes em geral - pois pode haver, e há, distinções entre duas línguas.

As marcas gramaticais mais usadas são: gênero, todas as classes de palavras, singular/plural e locuções, existentes até no dicionário de 1989, de menor número de marcas.

Os dicionários de 1983 e 1968-1 apresentam o maior número de marcas: 37 e 34, respectivamente. Neles, existem marcas para vários tipos de adjetivos, locuções e verbos - formas nominais, modo. E o dicionário de 1968-2, com 31 marcas, chamou-nos a atenção por dividir, no item "abreviaturas", em duas colunas, as marcas gramaticais e as marcas de uso.

As marcas de uso aparecem com quantidade maior que as gramaticais, principalmente as tecnoletais. Dos 9 dicionários, 7 apresentam essas marcas. Os dois dicionários que não completam a lista, 1983 e 1989, também não apresentam nenhuma marca de uso, dando exclusividade às gramaticais. Ainda em relação às tecnoletais, o dicionário com menor número, o de 1990 - 5 marcas, descreve: Botânica, Comércio, Gramática, Música e Zoologia; consideramos esses nomes termos técnicos banalizados na língua em geral, se compararmos à sub-classificação minuciosa de 1968-1, com 75 marcas, entre elas, História, História eclesiástica, História natural, patologia, pintura, pescaria, veterinária, zoologia, e Antiga Grécia, Antiga química e Antiga Roma. Entendemos esses detalhes como uma classificação mais refinada por parte do lexicógrafo, porém não exaustiva se pensarmos em dicionários monolíngües: o Aurélio apresenta, para a língua portuguesa, 249 marcas, e o *Petit Robert*, para a língua francesa, 160 tecnoletos (dados de Strehler 1998: 172).

Atenção merece, por fim, o dicionário de 1995 que, por ser o mais atual dos pesquisados, contém, entre outras, marcas que revelam as especificidades da nossa época: informática, futebol, zodíaco e zootecnia.

Sete dicionários também apresentam marcas sociais (os de 1983 e 1989 ficando de fora); destacamos, entre eles, os de 1968-1 e 1995, com 9 e 7 marcas, respectivamente, figurando, por exemplo: familiar, gíria, pejorativo, vulgar, chulo, popular, "burlesco".² Uma observação pode ser feita em relação ao dicionário de 1968-2: ele engloba, na marca social pop. - popular, as marcas gíria, plebeísmo, calão, chulo, vulgar; portanto, no quadro onde se lê 3 marcas, poderíamos ler 6.

Quanto às marcas temporais, ocorre uma diminuição. Com somente 3 dicionários: 1968-1 (2 marcas), 1980 (3 marcas) e

² O dicionário de 1968-1, mesmo apresentando o maior número de marcas de uso, essas são esparsas no livro. Por isso, não determinamos nenhum exemplo com a marca social "burlesco".

1995 (3 marcas), relevamos o de 1980 que mostra “antiquado”, “neologismo” e “velho” apresentando, também, marcas de frequência - e é o único da lista - que parecem mesclar com as temporais; são elas: “desusado”, “inusitado”, “pouco usado” e “usado”. Procuramos exemplos para essas marcas e o que encontramos foi o verbete “vossemecê” sem nenhuma referência ao tempo ou à frequência.

Enfim, as marcas espaciais, também em número bastante diminuído, destaca mais uma vez o dicionário de 1980, com 5 marcas: *brasileirismo*, *francês*, *galicismo*, *português* e *provincianismo*.

Poderíamos finalizar essa parte do estudo com duas observações: a primeira é o destaque ao dicionário de 1980 quanto às marcas de uso: o único a conter todos os tipos é dicionário de nacionalidade francesa, o que parece demonstrar o trabalho singular dos lexicógrafos daquele país nesse aspecto. A outra observação é interrogativa: como em nenhum dicionário estudado é concebida uma explicação a respeito da escolha das marcas de uso, uma causa provável pode estar nos dicionários monolíngües que são auxiliares na estruturação desses bilíngües e, como naqueles os verbetes já aparecem com marcas de uso, elas podem ser “reaproveitadas” nesses.

3. A micro-estrutura

3.1. A descrição das entradas

Apresentamos, nesse item, uma descrição da entrada de cada dicionário:

- 1961: entrada em letras capitais e em negrito; transcrição fonética entre parênteses; marca gramatical; marca de uso (quando necessário); definição por tradução, por enumeração; expressões.
- 1968-1: entrada em letras capitais e em negrito; transcrição fonética entre parênteses; marca gramatical em negrito,

- marca de uso entre parênteses; definição; expressões em letras capitais.
- 1968-2: entrada em letras capitais e em negrito; marca gramatical em itálico; marca de uso entre parênteses; definição; expressões em itálico.
 - 1980: entrada em letras minúsculas e em negrito; marca gramatical; transcrição fonética entre parênteses; marca de uso; definição; expressões.
 - 1983: entrada em letras maiúsculas; marca gramatical entre parênteses; explicação da possível ou não possível tradução do verbete; exemplos; expressões com exemplos.
 - 1989: entrada em letras minúsculas e em negrito; transcrição fonética entre parênteses; marca gramatical; definição.
 - 1990: entrada em letras minúsculas e em negrito; algumas palavras com transcrição fonética entre colchetes; marca gramatical em itálico; marca de uso; definição; expressões (poucas).
 - 1992: entrada em letras minúsculas e em negrito, dividida por sílabas; transcrição fonética universal entre colchetes; marca gramatical em itálico; marca de uso em itálico; definição; expressões em negrito com explicação.
 - 1995: entrada em letras minúsculas e em negrito; marca gramatical; marca de uso; definição com exemplos; falso cognato e sua tradução.

3.1. Comparação das entradas

Para melhor visualização, preferimos comparar as entradas dos dicionários pelo quadro a seguir:

Quadro III - Comparação das entradas

Dicionários

	61	68-1	68-2	80	83	89	90	92	95
etimologia	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pronúncia	X	X	0	X	0	X	X	X	0
Marca gram	X	X	X	X	0	0	X	X	X
Marca/uso	X	X	X	X	0	0	X	X	X
exemplos	0	0	0	0	X	0	0	0	X
div. siláb.	0	0	0	0	0	0	0	X	0
expressões	X	X	X	X	X	0	X	X	0
Express.c/ex	0	0	0	0	X	0	0	0	0
Falsos cogn	0	0	0	0	X	0	0	0	0

Algumas considerações são relevantes a partir desse quadro. Primeiramente, a ausência da etimologia, o que parece caracterizar um dicionário bilíngüe. Em seguida, 6 dicionários apresentam o requisito fundamental: pronúncia. Quanto a isso, daremos alguns detalhes de cada dicionário:

- 1961: apresenta quadro “Sinais convencionais de pronúncia”; percebe o alfabeto fonético nesses sinais. Exemplo: *fasciner* (façinê).
- 1968-1: estranhamos o fato do “u” francês ser representado por “u”, “cujo som se parece com o “i”; e o ditongo “eu” francês representado por “eu” em português, acarretando problemas para o usuário que não saberá se *sans-culotte* (çankulote) tem som de [u] ou [y].
- 1980: não segue o alfabeto fonético universal. E, em poucas palavras com transcrição, há cortes nas sílabas que se pronunciam de igual modo em ambas as línguas, como, por exemplo, *épinard* (ê - ar).
- 1989: não segue o alfabeto fonético universal.
- 1990: poucos verbetes contêm transcrição não seguida pelo alfabeto fonético universal.
- 1992: segue transcrição do alfabeto fonético universal com valores dos símbolos fonéticos citados no item “Organização do dicionário”.

Os exemplos, as expressões com exemplos e os falsos cognatos são características de 2 dicionários somente: o de 1983

e o de 1995 considerados dicionários de tradução, o que confirma a diferença que pode existir entre esse tipo de dicionário e um padrão.

Enfim, só o dicionário de 1992 apresenta a divisão silábica da entrada, característica de todos os outros dicionários da marca Michaelis.

4. Análise de verbetes

Depois de analisarmos a macro-estrutura e a micro-estrutura dos dicionários, passemos a investigar alguns verbetes franceses e portugueses. A escolha desses verbetes veio da experiência em sala de aula de língua estrangeira, na dificuldade encontrada por alguns alunos em escolher a palavra apropriada, tanto no oral como no escrito, e nos vários “erros de comunicação” causados, muitas vezes, pela informação contida nos dicionários. Uma observação: 7 dicionários são francês-português português-francês, sendo 2 dicionários francês-português (1968-2 e 1983).

4.1. *Voiture*/Carro

De acordo com o *Petit Robert* (1995: 2409), *voiture* é considerada meio de transporte, dispositivo servindo de transporte: veículo, veículo automóvel, com a observação: *voiture tend à supplanter automobile et auto*. Se traduzirmos para o português, encontraremos carro: *veículo de rodas para transportar pessoas ou coisas, viatura, veículo automóvel* (Fernandes, Luft e Guimarães 1991). Encontramos a tradução “carro” em 8 dicionários; o que não apresentou foi justamente o mais antigo - 1961, que também coloca “preço de transporte”, que segundo o *Petit Robert* constitui termo do século passado. Em 4 dicionários - 1968-1, 1980, 1989 e 1990 - também aparece a tradução “carruagem”, termo muito pouco usado atualmente em francês. O que chama a atenção é a tradução literal para *voiture*: 5 dicionários trazem “viatura”: 1968-2, 1980, 1989, 1992 e 1995, sendo contrários

à explicação do dicionário de 1983 (o de tradução) que assim coloca: *não se traduz por viatura (em fr. véhicule) mas por carro ou automóvel*. Se pensarmos em ensino, percebemos que, em língua portuguesa, “viatura” estaria mais ligada a carros de polícia e outros tipos específicos e que “carro” seria, realmente, o termo genérico.

Já para a parte portuguesa, a tradução de “carro” parece tumultuar mais a cabeça do usuário: dos 7 dicionários, 6 (1961,1968-1,1980,1990,1992 e 1995) apresentam *voiture* e 3 somente colocam a palavra em primeira aceção (1968-1,1992 e 1995). Mas 2 termos concorrem com *voiture* que não concorriam no lado francês: *char* e *chariot*: 5 dicionários (1961,1968-1,1980,1989 e 1990) trazem *char* que, conforme o *Petit Robert*, recebe a marca de uso VIEILLI, envelhecido, velho, ligada à antiguidade, representando a biga dos romanos e hoje é considerado carro alegórico. Quanto a *chariot*, 4 dicionários (1961,1968-1,1990 e 1992) apresentam esse termo que representa, na verdade, carrinho de feira, carrinho de supermercado, carrinho de estações rodoviárias e aeroportos. O de 1992 ainda traz a palavra com ortografia incorreta: com dois rr - *charriot*; porém, é o único que dá gírias para carro: *bagnole* e *tacot*.

Muitas vezes, nosso aluno cai nessas armadilhas e recebe notas baixas pela inadequação do vocabulário por, justamente, confiar nos termos traduzidos pelos dicionários. Na frase, por exemplo, “meu carro é vermelho”, poderíamos ter: “meu carro alegórico é vermelho” ou “meu carrinho de supermercado é vermelho”. Infelizmente, vermelha será a nota.

4.2. *Envie/Vontade*

Uma expressão muito usada em francês é *avoir envie de* - ter vontade de. No plural - *envie*, de acordo com o *Petit Robert* (p. 786) pode ser inveja, ciúme, desejo, necessidade e *envies* - passa a ser cutícula. Com exceção do dicionário de 1995, que não apresenta o verbete, todos trazem, como primeira aceção, o termo “inveja”; e exceto o de 1983, todos (6) dão a aceção

“cutícula” mas para o termo no singular e não no plural, como é o correto. Entretanto, o maior problema envolvendo *envie* é a acepção “vontade” e a expressão “ter vontade de”, tão usada nas duas línguas. “Vontade” aparece em 6 dicionários (exceção agora de 1989 e 1968-1); e a expressão *avoir envie de* só aparece nos de 1980 e 1990. Parece que o usuário terá que recorrer a outro vocábulo, mais transparente: *volonté*. Porém, o *Petit Robert* não coloca a expressão “ter vontade de” que só pode ser feita com o termo *envie*.

Se verificarmos o lado português, dos 6 dicionários (o de 1995 não contém o verbete português também), só o de 1968-1 traz a expressão e todos traduzem “vontade” por *volonté*; 5 trazem *envie*. O usuário, certamente, fará a seguinte incorreção: na frase “tenho vontade de tomar sorvete” terá “J’ai volonté de prendre une glace”, o que não existe na língua francesa.

4.3. *Falloir*/Precisar

Único verbo a ser analisado, a escolha desse é singular: *falloir* não existe na língua portuguesa: dá a idéia de “ser preciso”, “ser necessário” e é considerado verbo impessoal, por exemplo, na frase “é preciso comprar roupas” temos “Il faut acheter des vêtements”. Portanto, para o verbete “é preciso” que haja explicações com exemplos, para que o usuário não perca o sentido, uma vez que é diferente em português.

Dos 9 dicionários, o de 1995 não traz tal verbete. E todos apresentam as acepções “ser preciso”, “ser necessário”; mas somente os dicionários de 1961 e de 1980 procuram explicar a conjugação verbal e dão exemplos. O de 1968-1 traz uma incorreção fonética transcreve o verbo com “o” (faloar), muito diferente da transcrição dada pelo *Petit Robert* (p. 888): [falwar].

Se tentarmos buscar no termo português “precisar” alguma indicação de *falloir*, a busca será em vão: só o dicionário de 1992 traz a explicação. Os outros, nenhuma chance de o usuário entender e, assim, aplicar o vocábulo referido.

4.1. Sanglot/Soluço

Último par de termos recai num problema definicional, já citada nos pressupostos teóricos, em que dois termos de uma língua resultam em um só termo na outra. É o caso de *sanglot*/soluço. “Soluço” contém duas acepções: é inspiração breve, problema no diafragma e choro entrecortado de suspiros. Essas duas acepções vão resultar dois termos diferentes em francês: *hoquet* e *sanglot*. Para *hoquet*, o *Petit Robert* declara ser *contraction spasmodique du diaphragme produisant un appel d'air assez fort pour faire vibrer les cordes vocales* (p. 1100), e para *sanglot*, *inspiration, respiration brusque et bruyante, presque toujours répétée, due à des contractions successives et saccadées du diaphragme, qui se produit généralement dans les crises de larmes* (p. 2032). Podemos pensar que, para a tradução, é necessário que os dois termos apareçam, com suas especificações. Mas o verbete *hoquet* aparece em 5 dicionários (1961, 1968-2, 1989, 1990, 1992) e o verbete *sanglot*, em 6 (inclui 1980), porém os dois com a mesma tradução: soluço, sem nenhuma especificação.

O de 1992 ainda coloca a acepção “choro” para *sanglot*. Uma observação a ser feita é quanto à transcrição fonética desse vocábulo. O *Petit Robert* transcreve [sãglo], porém o dicionário de 1968-1 traz incoerentemente (çanglou).

Para o termo português “soluço”, esperávamos encontrar os dois vocábulos: *sanglot* e *hoquet*; no entanto, dos 6 dicionários que continham o verbete, 3 trazem somente *sanglot*; um, somente *hoquet*; e 2, os dois termos, mas sem especificações. Há usuários, provavelmente, dizendo e escrevendo, que estão com *sanglots*. Puxa, como eles choram!

Considerações Finais

Afinal, o que podem e o que querem esses dicionários, e o que são capazes de fazer com as línguas? O usuário questiona, agora, o saber e o poder dicionarísticos que, pressupondo aliados, concorrem também aos erros de comunicação explicitados por Figueiredo (1997).

Os dicionários continuam sendo essenciais no progresso do ensino/aprendizagem de línguas e no reexame de palavras para tradução. Todavia, tornam-se urgente duas atitudes: a atitude dos lexicógrafos, em tentar reverter algumas falhas na macro e na micro-estruturas, e ser criteriosos em relação aos verbetes; para tanto, o professor de línguas, conhecedor dos entraves da língua, pode ser um grande colaborador nessa árdua tarefa. A segunda atitude parte do usuário, em não economizar tempo quando for comprar e/ou analisar dicionários, tentando não ser leitor de um só livro e consultando, quando possível, especialistas da área.

Assim, sendo mais cuidadosas, as pessoas só têm a ganhar, dominando melhor o *mais poderoso instrumento posto a serviço do homem: a língua* (Bidermann 1988).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEVILAQUA, C. L. "Tipologia de dicionários". *Cadernos do Instituto de Letras* (UFRS, jul/93).
- BIDERMANN, M.T.C. "O dicionário como fonte de conhecimento e cultura". Fotocópia da conferência realizada no Encontro Nacional de Pesquisadores/Professores de Lexicologia e Lexicografia. (Brasília, nov/88).
- BOGAARDS, P. *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Saint-Jean de Braye: Hatier/Didier, 1994.
- CARRAS, Catherine. "O dicionário bilíngüe e o ensino de língua". *Anais do XL Seminário do GEL*. (Ribeirão Preto, 93).
- DULAY, H., BURT, M. e KRASHEN, S. *Language Two*. New York: Oxford University Press, 1982.

- FERMANDES, F., LUFT, C. P. e GUIMARÃES, F. M. *Dicionário Brasileiro Globo*. 20.ed. São Paulo: Globo, 1991.
- FERREIRA, G. e ALMEIDA, M. A. *Falando a mesma língua: português, 6ª série*. São Paulo: FTD, 1994.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. Goiânia: UFG, 1997
- KRIEGER, M. G. "A obra e o fazer dicionarísticos". *Cadernos do Instituto de Letras*. (UFRS, jul/93).
- LE NOUVEAU PETIT ROBERT: dictionnaire de langue française*. Paris: Dictionnaire Le Robert, 1995.
- STREHLER, R. G. "Marcas de uso nos dicionários". In: OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.) *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- VILELA, M. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

Seleção dos 9 dicionários analisados:

- BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário Francês-Português Português-Francês*. Porto Alegre: Globo, 1968.
- CORRÊA, R. A. (org.) *Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- Dicionário Francês-Português Português-Francês*. Porto: Porto Editora, 1990.
- Dicionário Garnier da Difel Francês-Português*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1968.
- FLORENZANO, E. *Dicionário Francês-Português Português-Francês*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989.
- FONSECA, F. V. P. da. *Dictionnaire Français-Portugais Portugais-Français*. Paris: Larousse, 1980.
- PEREIRA, H. B. C. e SIGNER, R. *Michaelis - Pequeno Dicionário Francês-Português Português-Francês*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- RÓNAI, P. *Guia Prático de Tradução Francesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- XATARA, C. M. e OLIVEIRA, W. A. L. de. *Dicionário de Falsos Cognatos Francês-Português Português-Francês*. São Paulo: Schmidt, 1995.